

## Editorial

### Caminhos de mudança – comprometimento e solidariedade



**N**esta primeira edição de 2016 a **Revista Portal de Divulgação** de nº 48, apresenta interessante oportunidade de conhecimentos na leitura de matérias que articulam de forma ampla a teoria e a prática. Em sua maior parte as colaborações que oferecemos entrelaçam relatos de práticas profissionais e acontecimentos cotidianos, buscando apoio em estudos sobre o envelhecimento e a velhice.

Contamos nesta edição com a colaboração da prof.<sup>a</sup> Ruth Lopes e os alunos, da disciplina *A Família e os Idosos*, do mestrado em Gerontologia da PUC/SP, que por meio de artigos, reflexões e relatos de experiências indicam a necessidade de trazer os desafios da prática para os cursos de formação, pois na atuação profissional na área gerontológica é preciso “olhar” nos olhos dos velhos, ouvir suas vozes, com a razão e a emoção e, simultaneamente, refletir sobre as considerações que emergem dessas experiências.

De modo diferente das outras edições não fizemos um dossiê só com estes trabalhos, mas os apresentamos de forma aberta, em meio a outras colaborações.

O artigo que inicia esta edição *A família brasileira numa perspectiva histórica, baseado nos estudos de Engels*, tem um caráter teórico específico, já que aborda o tema *Família* a partir de um autor considerado clássico na área das ciências humanas, pois a obra original, publicada em 1884, indica, no trecho destacado, a pertinência e atualidade dessa análise:

A única coisa que se pode responder é que a família deve progredir na medida em que progrida a sociedade, que deve modificar-se na medida em que a sociedade se modifique; como sucedeu até agora. A família é produto do sistema social e refletirá o estado de cultura desse sistema. (ENGELS, 1984, p.91)<sup>1</sup>

No século XIX, quando o livro foi escrito, a expectativa média de vida era de 45 anos! Com o avanço das ciências, a longevidade avançada – 80 anos e mais – é uma realidade com a qual convivemos hoje. Assim, constatamos que o progresso trouxe as mudanças no tempo de vida, mas também na estrutura das famílias. Nunca vivemos tanto, as famílias contemporâneas apresentam múltiplas configurações, a tecnologia é imperativa! Como é ser velho hoje? Qual seu lugar? Quais as políticas de inserção e abertura para um envelhecimento de qualidade? E qual é o impacto da longevidade na sociedade?

Constatamos que, ao longo do tempo, mudaram os arranjos familiares e neles o papel do idoso. Os relacionamentos que se estabelecem, nesse panorama, podem ser tranquilos ou conturbados, e tanto que a violência pode surgir, como lemos em *A violência contra o idoso*. Indica porém o autor desse artigo que a violência, no geral e contra os mais velhos, esteve sempre presente e que “há uma inverdade histórica na visão idílica de que antigamente os idosos eram bem tratados. É claro que em determinados contextos e momentos da história houve mais respeito à figura dos mais velhos, no entanto, se constituíram mais como exceção do que como regra”.

Em meio as suas considerações sobre o tema, o autor destaca a responsabilidade do Estado, das famílias e de cada um e propõe uma revolução interior, na perspectiva assumida por Gandhi - seja você a mudança que você quer ver no mundo.

A responsabilidade social é de todos, mas o Estado e suas políticas públicas devem ser vetores dessas mudanças mais profundas, tema de *Programas de Saúde para a pessoa idosa no Brasil: breve estudo sobre o Envelhecimento Ativo*, no qual os autores nos oferecem um breve estudo destes programas em diferentes regiões do Brasil. Indicam que as ações não podem ser padronizadas, pois se o processo de envelhecimento é único e próprio a cada indivíduo, as peculiaridades regionais não podem ser esquecidas, pois influenciam nos resultados de programas de velhice ativa e com saúde - um grande desafio para o qual o próprio segmento idoso deve ser convocado!

---

<sup>1</sup> Conforme citado no artigo em questão.

As mudanças que queremos surgem da vontade de transformar aquilo que não nos agrada, o que agride e choca! Ficamos sempre indignados e tristes com as grandes tragédias e sofrimentos! Sem dúvida devemos ser solidários com as “dores do mundo”, mas e os “pequenos” sofrimentos cotidianos?

No envelhecimento esses sofrimentos diários podem ser físicos, psíquicos ou existenciais, mas passam, muitas vezes, despercebidos. É preciso desenvolver uma escuta e olhar sensíveis para essa realidade. Cabe aqui considerar a educação continuada como instrumento da mudança que queremos na nossa sociedade! A responsabilidade da formação humanizada que assumimos, como profissionais, professores, divulgadores de conhecimento e seres no mundo, é uma esperança, chama que buscamos alimentar.

Nesse contexto se insere a **Revista Portal de Divulgação** que se propõe como instrumento do “conhecer para mudar” na busca da Cultura da Longevidade, uma vida com qualidade e apoio verdadeiros! Ao divulgar discussões teóricas e práticas profissionais diferenciadas podemos ver “a luz brilhando”!

Como exemplo de engajamento nessa proposta temos o grupo de odontogeriatras, parceiros de primeira hora, que realizam um trabalho consistente que une a teoria específica à sua área com o cuidado atento e atencioso aos mais velhos e às pessoas com deficiência, como indicado no artigo *Saúde bucal no envelhecimento: aspectos periodontais e breves considerações clínicas*.

Os *Relatos de experiências* que seguem indicam claramente essa necessária articulação, e neles podemos sentir também esse olhar e prática humanizada que buscamos. São eles: *Ser Mãe, Ser Filha. Ser Filha, Ser Mãe. A percepção de uma filha que tornou-se cuidadora; Arteterapia na reabilitação de um idoso. As criaturas oníricas de Miró e Lineu; Por onde andam os velhos nos grandes centros urbanos brasileiros? Idoso aprende a ser líder?*



Cada um deles traz um universo de saberes e experiências – dos idosos e dos profissionais - e nos mostram caminhos de mudanças e esperanças, que são reforçados pelas *Reflexões: As dores emocionais da velhice; Velho, Idoso, Terceira Idade?; E tudo não passou de um belo sonho...Balé de repertório e o papel da mulher na simbologia familiar*.

Encerrando esta edição apresentamos dois textos, frutos de reflexões clínicas e de pesquisas teóricas baseadas, respectivamente, na psicanálise e na sociologia, tendo como objeto de estudo os processos demenciais, tema imperativo na sociedade com longevidade avançada.

Verificamos que são muitas as possibilidades de um cuidar mútuo que deveria ser natural. No entanto, assim como a ética, são atitudes que devem ser incentivadas cotidianamente por cada um. Somos todos responsáveis!

As perguntas: Como é ser velho hoje? Qual seu lugar? Quais as políticas de inserção e abertura para um envelhecimento de qualidade? não têm respostas simples. A complexidade de viver e envelhecer exige que nos preparemos individual e socialmente, de modo participativo, para envelhecer, e que sejamos solidários com nossos companheiros de jornada, cada qual em seu caminho no tempo.

O velho é sempre o outro, um estranho/diferente, que nos mostra, especularmente, nossa própria face em outra fase da vida. Essa recusa no reconhecimento do 'outro como possível de mim'<sup>2</sup> faz com que cada um, e a sociedade como um todo, 'vire as costas' aos velhos, movimento que o aumento da população em idade avançada faz impossível.

Ao aceitarmos este 'outro', caminhamos em direção a nós mesmos, em futuro mais ou menos longínquo, enfretamento que pode trazer a diminuição de angústias e favorecer o planejamento do futuro – com preparo físico, econômico, social e espiritual.

O reconhecimento do outro, e suas circunstâncias, sugere o sentimento de empatia que abre para a comunicação com o indivíduo, portador de enfermidades diversas, evidenciando que o ouvinte – médico ou outro profissional de cuidado – pode compreender seu mundo interior, respeitando e acolhendo o sofrimento. (CÔRTE; LOPES; BRANDÃO, 2015, pp.191-192)<sup>3</sup>



---

<sup>2</sup> Expressão utilizada pelo sociólogo francês Roger Bastide (1898-1974), quando aborda o papel do antropólogo na observação do campo de trabalho. Entrevista em <http://www.revistas.usp.br/discurso/article/viewFile/37925/40652>

<sup>3</sup> CÔRTE, B; LOPES, R; BRANDÃO, V. Longevidade, Saúde e Espiritualidade. In: CERVENY, C. *Manual da Longevidade. Guia para a melhoria da qualidade de vida dos idosos*. Curitiba: Juruá, 2015.